

## JUVENTUDE SOBRE PRESSÃO: UM FÓRUM ALEMÃO E UMA OBRA DE OCTAVIO IANNI

Augusto CACCIA-BAVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** A juventude constituiu-se como mito ocidental, antes que categoria social importante para a projeção do futuro das sociedades. A direita antecedeu a esquerda na busca de seu envolvimento em projetos políticos nacionais. A direita e a esquerda, sem norte claro, após as crises do *welfare state* e do sistema socialista dissolveram o mito e a juventude, como referência de desenvolvimento progressivo da história. Hoje encontramos movimentos juvenil, consolidados em algumas organizações estudantis, tutelados em algumas organizações religiosas, afinados em poucos projetos políticos partidários, ou ambientalistas. Mas o que mais os envolvem é a violência urbana.

**PALAVRAS-CHAVES:** Juventude como mito. Violência urbana.

**ABSTRACT:** *In the 20th century, youth has become a western myth rather than an important social category in the projection of future societies. The Right-wing was ahead of left-wing movements supporting national political projects. The crisis in the Welfare state and socialism system disoriented the right and left-wing movements. The myth of youth as reference for the progressive development of history was destroyed. Youth movements, consolidated in some student movements and supported by some religious organizations took over this reference position. However, these new youth movements are rarely engaged in political or environmentalist projects. The violence that originates from disturbing practices of social reproduction puts youth under pressure.*

**KEYWORD:** *Youth myths. Urban violence. Social reproduction.*

A juventude chamou a atenção da direita e da esquerda militantes, européias ocidentais, ao longo do século XX. Nessa ordem: primeiro da direita militante, depois da esquerda. Na Itália, como na Alemanha foram organizadas para atuarem na paz e na guerra. Malvano (1996) relata o processo de formação do mito da juventude construído pelo fascismo italiano, nas duas primeiras décadas do século XX. Os jovens deviam ser formados moralmente, uma vez que “[...] o vil não pode ser jovem... ele é velho e decadente.” E, assim, o fascismo “[...] fez dos jovens o fulcro da

---

<sup>1</sup>UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Sociologia. Araraquara – SP - Brasil. 14.800-901 - augusto@fclar.unesp.br

própria ação e o momento central do próprio sistema organizativo." (MALVANO, 1996, p.258 e p.260).

Os ideólogos do fascismo operaram no esforço de trazer a juventude de contextos históricos para o plano exclusivo das construções simbólicas. Com isso ela perdeu referência dos possíveis lugares a ocupar, a partir das experiências coletivas de seus grupos, comunidades e classes sociais, para representarem a força na nação italiana que se projetava para o futuro. Artistas propuseram imagens representativas da juventude, como Sironi, para quem o jovem "[...] se tornará sucessivamente, O atleta, O construtor ou, com um valor ideológico mais declarado O trabalhador[...]" (MALVANO, 1996, p.266). Hoje, alguns ideólogos dos sistemas de formação profissional, técnico ou acadêmico operam num sentido próximo daquela produção simbólica, na perspectiva de construção do jovem: O empreendedor.

Ao final da Segunda Guerra Mundial o debate político italiano avançou ao ponto de intelectuais vinculados ao governo democrático constituído conceberem a sociedade civil de um ponto de vista cultural, distinto da visão jurídica de Estado-Nação: "[...] nação cultural entendida como síntese de elementos lingüísticos, culturais, espirituais-religiosos e tradicionais, de tal modo a dar um identidade histórica aos grupos humanos." (GUALTIERI, 2006, p.68).

Na Alemanha buscou-se mais envolvimento filosófico da juventude, uma vez que essa categoria social teria que ser atitude (*Haltung*). E ser jovem "significava antes de tudo a vinculação a uma *ideia* nova." Se de um lado "Hitler e seus ideólogos inspiravam-se nos modelos tão admirados da organização fascista da juventude[...]" Afastaram-se deles singularmente pelo lugar central que atribuíam ao racismo na formação do Homem Novo." (MICHAUD, 1996, p.292, grifo do autor). Como narra Eric Michaud, "[...] tratava-se de [...] Submeter e de infantilizar um povo inteiro a fim de que permanecesse *eternamente jovem*." Isso desde os dez anos de idade, quando os pais haviam que declarar, de forma pública, desde 1939, quais eram os filhos com mais de dez anos de idade. E as meninas, desde os dez anos integrariam uma organização denominada Jovens Virgens, para depois serem vocacionadas a terem filhos para servirem Hitler, fossem casadas ou não<sup>2</sup>.

A violência nazista se realizava contra a resistência popular ao regime, fossem políticas ou de forma alienada, como "[...] a grosseria, as algazaras... os roubos coletivos e os atentado ao pudor." (MICHAUD, 1996, p.312).

A juventude do ponto de vista da esquerda foi tema de notas de Antonio Gramsci. Se é certo que seu escrito sobre o tema era datado de 1921, antes de sua prisão, ele não foi matéria de intervenção partidária. Era 29 de janeiro, dia da abertura do congresso dos jovens socialistas italianos. Gramsci mais indagava do que discursava para a juventude. E alertava para a energia juvenil perdida pelos socialistas militantes, que a deixavam fluir e dissipar-se em práticas espontâneas. São palavras suas:

---

<sup>2</sup>Confira Michaud (1996, p.298-304).

## Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni

Confessemos: os *adultos* não só se desinteressam, não só ignoram, mas em parte, até voluntariamente tem em menor conta o movimento dos jovens... Inútil lamentar: a organização dos jovens foi sempre ou quase sempre tomada um pouco à margem e não se pode atribuir culpa a ninguém, senão ao Partido na sua complexidade, ao Partido no qual não esteve presente, de modo claro, a consciência do que deveria representar em seu seio, essa organização. (GRAMSCI, 1971, p.408-409).

Para Gramsci (1971) os jovens chegavam ao Partido impulsionado por ideais, descontentes com o presente triste e iníquo, ávido de liberdade e de luta. Essas suas palavras revelam como essa potencialidade foi abraçada pelas forças fascistas e nazistas, que a quiseram tomar para fins de construção dos impérios de Mussolini e Hitler. Essa força popular, viria a se tornar base da resistência anti-fascista e anti-nazista, na década de 1930, até a declaração final da II Guerra Mundial.

A crise do *welfare state* se refletiu na redução dos horizontes das políticas públicas para a juventude, deixando de conceber os jovens como sujeitos no processo de transformação das sociedades ocidentais e, em particular das latino-americanas. Exceto nos países que projetam rupturas com os parâmetros da globalização hegemônica, como a Venezuela, Bolívia, Equador e a inquietante Cuba, os movimentos juvenis vivem pressões públicas despolitizadas, em decorrência mais dos confrontos espontâneos de grupos e categorias urbanas do que conclamações públicas. Além da experiência dramática de seu envolvimento com a narcoeconomia. Junte-se a isso a fragilidade dos direitos sociais juvenis que estão longe de aproximar essa categoria de um cotidiano cidadão<sup>3</sup>.

Sessenta anos se passaram da derrota do nazismo e fascismo e na primeira década do século XXI, nos encontramos na cidade de Magdeburg, na antiga Alemanha Oriental, que também é conhecida como a terra de Otto-von-Guericke, (aquele físico que demonstrou a existência da pressão atmosférica, construindo duas semi-esferas que, acopladas e sem ar no interior, eram puxada por fortes cavalos, em direção oposta um do outro, e não se descolavam uma da outra). Lá se realizou um encontro de intelectuais de esquerda, de cientistas jovens adultos e adultos, em julho de 2004. Era a conferência internacional voltada à discussão do tema: "Discursos da Violência-Violência dos Discursos", bem atentos aos acontecimentos que envolveram o mundo, após o atentado de 11 de setembro de 2001. A idéia força do encontro era sintetizada pela palavra título: Transforma. Dada a atualidade da abordagem dos temas envolvendo situações de violência e juventude, trazemos alguns dos argumentos centrais dos cientistas que lá estiveram, dentre eles nós<sup>4</sup>.

O conjunto das manifestações dos participantes reuniu objetos científicos como:

---

<sup>3</sup> Confira Caccia-Bava (2004, 2006).

<sup>4</sup> Confira *Transdisciplinary...*, 2004.

## Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni

[...] corpo e espaço; cartografia da sujeição; cultura da repressão; linguagem e subjetividade; o poder violento do mercado; relação entre poder e violência; universalismo, particularismo e fundamentalismo; subversão, resistência e liberdade; capitalismo e velocidade; biopolíticas; economia política das novas e velhas guerras; humanismo, intervencionismo e paternalismo; patriarcalismo, gênero e violência; governabilidade global e subserviência; estado e terrorismo; violência epistêmica.

O fórum foi estruturado de tal maneira a ter ampla participação de uma nova geração de intelectuais, na faixa dos trinta anos, das universidades alemãs, como de países do leste europeu, constituído sob a forma de novas democracias. Contou com a participação de cientistas seniores, como o inglês, radicado no Canadá, Robert B.Walker da *Keele University*, da indiana Shaswati Mazumdar, da Universidade de Delhi, de Alfred Hirsch da Universidade de Hildesheim, Alemanha e de Lilly H.M. Ling, taiwanesa radcada nos Estados Unidos da América, junto à *The New School University*, de Nova Iorque. Nós, na condição de observador.

As colocações realizadas por todos iluminam caminhos que devemos percorrer, ainda hoje, na identificação de sentido político das ações fragmentadas dos grupos culturais de jovens, ou dos movimentos fragmentados de jovens, em seus partidos, ou organizações estudantis. Seus estudos podem ser identificados em distintos idiomas, através da busca na internet, que nos traz dificuldades de leitura e compreensão. Mas ficam registradas aqui, as observações colhidas no encontro, para exposição de alguns marcos históricos e teóricos para reflexões futuras.

### O debate

Robert B.Walker abriu sua exposição afirmando que a soberania é hoje tema central e as questões internacionais são as bases contemporâneas para o desenvolvimento das Ciências Políticas. Essas agregaram as relações internacionais sob a forma de políticas de Estado, com vistas a desenvolver novas compreensões sobre o sentido da soberania, longe, segundo ele, das teses de Habermas, que foram desenvolvidas com base em discurso autocentrado, de certa maneira, provincianos, no seu entender britânico. Argumentou que as relações entre práticas de soberania e violência são definidas, reciprocamente, uma fundamentando a outra, pelo que estamos assistindo, hoje, a constituição da soberania em movimento, de forma concomitante à constituição de fronteiras em movimento.

Shaswati Mazumdar citou o 11 de setembro e 2001, como um marco para a reflexão sobre as estratégias de segurança nacional dos Estados Unidos da América, que passou a ser desenhada como força política de

intervenção. Dessa maneira teria se estabelecido uma identidade entre segurança e capacidade de intervenção. Referiu-se ao colapso do bloco socialista, que transformou os países que o integravam numa questão de política internacional distante da guerra, até a emergência da Guerra do Iraque. Num outro vértice indicou a Palestina, por se encontrar constituindo conflitos contemporâneos associados a novo discurso do poder econômico, que assume forma dominante. Nesse contexto internacional, as forças políticas hegemônicas regionais ignoram as crises das sociedades democráticas.

O filósofo Alfred Hirsch também esteve presente. Autor de *Interkultur-Jugendkultur: bildung neu verstehen*, livro editado em 2010, em alemão, com tradução prevista para o português para o próximo ano. Sua tese é que o exercício da violência é ambivalente, pois tem origem no Estado, de forma legítima e na sociedade civil, como ação agressiva, destrutiva, por vezes condenável. Além disso, Hirsch esclareceu que o debate da violência é quase que exclusivamente de autoria da intelectualidade que convive com as classes dominantes, uma vez que, quem vive violência, quem sofre violência, não discute violência.

Naquele encontro Hirsch também afirmou que as intervenções, no nível do discurso, assumem forma jurídica, quando se toma Hobbes como fundamento. Mas, distante deste clássico, a violência pode ser entendida como relação e como processo, não só como intervenção do Estado. Ele reconheceu existirem duas linguagens: uma erudita e uma cotidiana, associadas à discussão sobre violência, que devem ser tomadas como referências, para a discussão da qualidade e da quantidade das práticas de violência. Lembrou que a palavra *gewald*, em alemão, significa violência, mas também exercício do poder.

Agora, quem mais se destacou no encontro, com intervenções pontuais foi L.H.M. Ling. Iniciou sua participação dizendo optar pelo conceito de terror, ao invés de terrorismo. Isso porque, segundo ela, estamos vivendo um dilema epistemológico, qual seja: nós somos os outros através dos outros, e não temos mais um **outro** distante, nos termos dos clássicos paradigmas epistemológicos. Naquele ano de 2004 vamos encontrá-la em co-autoria de um ensaio. E num outro, datado de 2008, mas ainda no prelo, que esclarecem o contexto das lutas por hegemonia no horizonte da chamada *low policy*.

E os jovens com isso? Uma vez que muitos “se acham”, que na linguagem dessa idade quer dizer encontrar-se acima das pressões e inibição dos grupos contendores, seria bom que se apresentassem para seus contemporâneos, a partir de algum lugar que possibilitaria indicar a sua capacidade de enfrentar as pressões da ordem neoliberal, a violência como um dos seus aspectos relevantes. Para isso, seria bom que entendessem o **caráter** dessas pressões sociais, através dos ensaios de Ling, que ajudam em muito, para ambos os gêneros de jovens.

Ela apresentou o neologismo que se tornou contraface do tão criticado fundamentalismo. Trata-se do **desenvolvimentalismo**. Este é o horizonte do desenvolvimento neoliberal, que deve se realizar a qualquer preço, que na perspectiva dos intelectuais do *status quo* estadunidense

**Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni**

corresponde ao paradigma da ideologia neoliberal, de promoção de ganhos de capital a pesar das desigualdades identificadas em todo mundo, com referência a: raça, gênero, sexualidade, classes e nações (LING, 2008).

Ling traz o conceito de *borderlands*, como referência de método, que significa algo próximo como **condição mediadora entre duas outras condições concretas**. De um lado, dos que vivem os privilégios da ordem dominante de “[...] gestão, do consumo dos benefícios da ordem capitalista [...]”, provocando o que chamou de “competição hipermasculina” como estratégia de resistência e ataque dos considerados *Outros*, os hegemonzados. Pelos valores presentes na ideologia dominante, “[...] os Outros devem se converter às políticas do ‘mercado livre’, ou serem disciplinados pelas chamadas “condicionalidades” das instituições neoliberais como o FMI [...]”, referindo-se a uma reflexão de Arturo Escobar, que escrevera em 1995 sobre as possibilidades e impossibilidades do chamado Terceiro Mundo (LING, 2008, p.108).

Num nítido contra-ataque feminista e orientalista, no horizonte do *borderlands*, resume que a perspectiva neoliberal, levada para as relações internacionais pretende: americanizar os muçulmanos, “[...] pelo ensino das virtudes liberais da tolerância Anglo-Americana, as regras derivadas da lei, possibilidades políticas e econômicas e a extensão das grandes oportunidades para as mulheres.” (LING, 2008, p.111). Aliás, essa é a reprodução do espírito do relatório produzido pela comissão do congresso dos Estados Unidos sobre o contexto e as razões do ataque, do 11 de setembro de 2001.

De novo a pergunta: e os jovens com isso? Bem, de fato, eles encontram-se subordinados a governos que pensam em agir como se expôs, de maneira sintética. E essa subordinação tem produzido subemprego juvenil, diante da irresponsabilidade governamental em investir mais nas guerras, do que na integração das novas gerações na sociedade que eles, os governantes, projetam para o futuro. E, dar mau exemplo, como se evidencia na Coréia do Sul, que expande e reproduz o tráfico de mulheres, o turismo sexual, entre outras agressões do gênero, ao gênero feminino, que se assemelham aos relatados nas conferências de direitos humanos no Brasil, com a identificação de mais de uma centena de rotas de exploração sexual, no ano de 2003, cujos estrategistas, desse crime, ainda se encontram livres, para projetarem novas aventuras.

Para ela, o vergonhoso de tudo, nas discussões sobre violência e terror, que se realiza, seja no domínio da *high policy*, seja no da *low policy*, é o que denomina por “reconstituição”, “*remake*”, a remontagem no sentido espetacular da “hegemonia do colonizador”. A encenação sobre a guerra parece ser o maior sentido histórico das guerras presentes.

Os que sofrem violência, como os jovens, não precisam ser convencidos que vivem esse estado. Da mesma forma, os que podem ser identificados como os de baixo, já o sabem, pois eles simplesmente já estão em baixo, sofrendo violência. Por essa razão, o discurso da violência nasce entre os de cima, para circular por cima. Porque, as forças dominantes necessitam criar o discurso da violência, para manterem a

ordem, ou conflitos dentro da ordem. Além dessa afirmação contundente, ela também endereçou uma questão: como podemos apreender com os outros para construirmos um mundo comum? Para ela, isso é possível, através do encontro das comunidades, dos de baixo, uma vez que a comunidade é um círculo, não uma casa, lembrando metáfora um dia formulada por Gandhi. E o círculo sempre está aberto à integração dos que estão de fora, do ponto de vista dos "de baixo".

O que se tem presente, na leitura dos trabalhos de Ling é a exigência de superação teórica das referências ideológicas neoliberais medida pela "[...] vagueza e ambiguidade do *grand design* kennediano e da ideologia da <<modernização>> [...]" que em outros lugares existe de forma mais falimentar que na Itália, como o Brasil, o Vietnam, o Irã o Egito." (GUALTIERI, 2006, p.155).

### **O futuro das sociedades globais**

O título acima indicava um dos painéis abertos naquele encontro, organizado de tal forma, como os demais, para que os jovens intelectuais, doutores e doutorandos de distintas universidades pudessem expor as bases de suas pesquisas. Esses painéis trouxeram uma peculiaridade estranha a nós, das universidades brasileiras. Após a exposição, de aproximadamente vinte minutos, realizada por cada um dos inscritos, abria-se efetivo debate teórico entre os presentes, com a duração de outros vinte minutos, com intensa participação dos conferencistas da mesa de abertura, como Ling e Hirsch. A discussão nos painéis se assemelhou ao que conhecemos como argüição de banca de trabalho de pós-graduação. Nesses debates emergiam solidez, como fragilidade dos expositores, como dos autores por eles trazidos, na fundamentação de seus argumentos. Os painéis foram estruturados nos dois idiomas do encontro: inglês e alemão, de tal forma que foi possível dispensar tradução simultânea, permitindo uma grande economia de recursos à universidade promotora do encontro internacional.

Ivan Gololobov, da *University of Essex*, UK, expôs sua pesquisa sobre violência física, como crime. Para ele, os sistemas só podem ser analisados em contextos específicos: como ordem jurídica, como segurança, que guardam nexos entre si. Para ele, o terrorismo, embora não se constitua numa realidade material traz conseqüências materiais. Segundo essa ótica, nos pareceu que os antagonismos sociais deixaram de ser temas relevantes para a discussão da violência. O conceito de sistema traria toda a força aos argumentos. Assim, se os jovens querem debater violência, que busquem compreender as concepções sistêmicas de sociedade.

Já para Holger Rossow, da *University of Rostock*, a discussão do tema da violência levaria à reestruturação dos parâmetros e conceitos vinculados às clássicas noções de orientalismo e antiglobalização, entre outros. Para ele, o consenso dominante constituiu-se na perspectiva que

## **Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni**

afirma estar o conhecimento verdadeiro, distante da dimensão política, distante de vínculos com posicionamentos práticos, perante processos presentes. Baseou sua pesquisa em autores que analisam a democracia ocidental.

Klaus Muller da *Free University of Berlin*, afirmou que as ONGs vem se reunindo para constituírem um foro de conflitos, antes que de consenso, uma vez que não se reconhecem, entre si, como representantes de bandeiras unificadoras. A elas faltaria a estruturação de um foro de comunicação, para trabalharem suas agendas específicas: de não-racismo, não-discriminação sexual, entre outras.

Para esse pesquisador, democracia e globalização são conceitos ambiciosos, pois querem se fazer onipresentes. No entanto, promoveriam relações ambivalentes, uma vez que a democracia pode ser entendida como uma dimensão crítica da globalização. Uma ilusão apontada por ele refere-se à idéia de um Estado "pós-soberano". Outra ilusão encontra-se no conceito de "sociedade comunicacional", que se constituiria apenas numa metáfora do processo de expansão da globalização.

Pareceu-nos, no contexto de sua exposição, que a idéia de sociedade comunicacional se aproximaria de uma tese da década de sessenta, quando se afirmou que os meios eram as mensagens. As implicações do tema, segundo Klaus Muller poderiam ser alinhadas a partir dos aspectos abaixo indicados:

1. as democracias sofreram revezes, após 11 de setembro de 2001;
2. a conjuntura atual apresenta três desafios às democracias constituídas:
  - 2.1. Conceber sua extensão;
  - 2.2. Conceber sua profundidade: como bom exemplo citou a experiência italiana;
  - 2.3. Projetar o seu enraizamento, como o grande desafio.
3. A legitimação da globalização ou sua estabilização só ocorrerá se forem reduzidos os riscos por ela impostos às distintas sociedades.
4. Os Estados Unidos da América seriam, hoje, uma sociedade de regime oligárquico, antes que democrático.
5. Não se identifica democracia no campo militar.
6. Tampouco existe democracia no campo da segurança pública.
7. O chamado Terceiro Mundo continuará sendo, democraticamente, explorado.

### **Terrorismo segurança internacional**

A exposição de Cristian Bürger do *Institut für Sozialforschung de Frankfurt/Main* pode ser sintetizada por um argumento que vem bem a propósito de iniciativas que vem sendo bem sucedidas nas universidades públicas do Estado de São Paulo. Trata-se da realização de congressos, seminários e simpósios sobre violência e educação em Direitos Humanos. Para aquele pesquisador alemão, o tema da violência vem sendo



desenvolvido no campo da ciência e da não-ciência, pois o tema é matéria, no campo da tecnologia científica de guerra. Além disso, o tema exige uma reflexão nos territórios da ciência e da política, uma vez que a democracia para a paz, não é uma questão interna aos poderes legislativos dos países, mas de programas de governo. A paz pode vir ou não como questão política central. Ela pode estar como não estar, associada ao desenvolvimento da democracia, tal como é concebida pelas forças governantes, de cada sociedade. No continente americano essa referência poderia se tornar hipótese de investigação sobre alguns estados: Estados Unidos da América, Colômbia, Venezuela e Brasil, especialmente. Como base de consulta sobre esse tema, indicou o *Frankfurt Peace Research*, disponível através da Internet.

As afirmações sintéticas apresentadas acima com o intuito de expor alguns momentos de uma rica discussão internacional, sobre aspectos da violência, nos parecem oportunas no momento em que passamos a discutir uma das últimas obras de do memorável sociólogo Octávio Ianni<sup>5</sup>.

A afirmação que abre o livro é dramática

Visto em perspectiva histórica ampla, o século XX e o século XXI, que se inicia, revelam uma vasta cartografia de *guerras* de todos os tipos, localizadas e intermitentes, encadeadas e surpreendentes. Além disso, apresenta as categorias históricas que darão suporte às suas análises, pois considera que toda guerra envolve povos e nações, impérios e colônias, classes e grupos sociais, indivíduos e coletividades, regimes políticos e governos, etnias e religiões. (IANNI, 2004, p.15).

Enquanto as “contradições sociais” são constituídas na “fábrica” das sociedades locais e sociedades nacionais, nas sociedades mundiais elas se reproduziriam sob a forma de resistência ou de agressão imperial. As sociedades contemporâneas que vivem situações marcadamente violentas, ou de guerra, se afirmariam através de classes sociais e grupos sociais, além das estruturas mundiais de poder ordenadas pelas corporações transnacionais e organizações multilaterais. Mas também, através dos estados nacionais, dos movimentos que configuram práticas políticas de localismos, nacionalismos, regionalismos, tribalismos ou provincianismos. Muitos desses fenômenos mesclados com anacronismos (IANNI, 2004).

Para ele, as guerras mudaram suas configurações, definindo-se como “[...] irrupções violentas, brutais e catastróficas, envolvendo tensões e conflitos não só militares, mas principalmente geoeconômicos e geopolíticos.” Além de obviamente bélicas, as guerras se afirmam pelo seu caráter de “[...] disputas por fontes de matérias-primas, mercados, hegemonias.” As mesmas guerras difundiriam ideologias como o liberalismo, o fascismo, o nazismo, o corporativismo, a social-democracia,

---

<sup>5</sup> Trata-se do livro *Capitalismo, violência e terrorismo* (IANNI, 2004).

## **Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni**

até a tirania, no século XX como no princípio do XXI (IANNI, 2004, p.15 e p.16).

Reconheceu que os tempos de hoje “[...] são tempos de lutas de classes, em escala nacional e mundial... de uma guerra civil mundial permanente, endêmica e aberta, moderada e violenta, por dentro e por fora das guerras localizadas e mundiais.” Por isso propôs que se reflita com vistas à compreensão de que: “[...] a era do globalismo pode estar inaugurando um novo ciclo de revoluções, em escala propriamente mundial [...] [e que] a globalização já pode ser vista como um novo ciclo da revolução burguesa, com a qual se fermenta, também, um novo ciclo da revolução socialista mundial.” (IANNI, 2004, p.16 e p.20).

Segundo ele, na formação da sociedade global “desenvolve-se um vasto processo ‘pedagógico’ ”, com base nas distinções entre: 1. público e privado; 2. lucro e corrupção; 3. Estado mínimo e mercado aberto; 4. economia emergente e inserção no mercado mundial; 5. equilíbrio monetário nacional e equilíbrio monetário mundial. O debate teórico dessas contraposições revelaria, ou revelará o caráter contemporâneo da sociedade global. Desses aspectos, como de outros, como os territórios e as fronteiras, as ecologias e as biodiversidades, os povos e as nações, os indivíduos e as coletividades, os gêneros e as etnias, as classes e os grupos sociais, as culturas e as civilizações (IANNI, 2004, p.23).

Tudo, com base nas três organizações mundiais hegemônicas: Fundo Monetário Internacional, o FMI, Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e a Organização Mundial do Comércio, a OMC, que são “a santíssima trindade do capital em geral”. (IANNI, 2004, p.23).

Do ponto de vista dominante e hegemônico, as transformações envolvem a economia e a sociedade, a política e a cultura, a ecologia e a demografia, as línguas e as religiões. De “[...] modo desigual e também contraditório.” É nesse contexto que deveríamos debater as categorias analíticas que nos chegam através dos autores contemporâneos que pesquisam, debatem e refletem sobre os múltiplos aspectos da violência como: a identidade, o outro, a desnacionalização, a desterritorialização, o lugar, o território, as fronteiras, a aldeia global, a terra-pátria, a babel (IANNI, 2004, p. 24).

A competitividade se instala no âmbito das relações sociais privadas e a ideologia sistêmica, de operação dos recursos públicos, financeiros e humanos, se instala no âmbito das relações públicas estatais. Essa ideologia afirma uma concepção de mundo difundida no contexto da “lógica do capital”: “[...] uma visão sistêmica das atividades e organizações, das relações fins e meios e das instituições.” (IANNI, 2004, p.24). Aqui Ianni se aproxima de Ling.

O modismo intelectual, de adoção do conceito de sistema, como solução para todos os males e desigualdades terrenas, transita desde as instituições privadas aos bancos escolares. Seu questionamento exige a busca de outras categorias históricas, como de mediações que podem instruir novas referências teóricas. Os conceitos de civilização e barbárie parecem ter perdido força, como recurso de interpretação de práticas

como as do narcotráfico e do terrorismo. Foram inicialmente substituídos por metáforas, como “a sociedade dos de baixo”. Estaríamos, segundo Ianni, assistindo a processos de rupturas de fronteiras, antes delimitadas formalmente e subjetivamente. Assim, como aponta: “[...] a economia nacional, capitalista ou socialista, transforma-se em província da economia mundial [...]” e “o Estado dissocia-se da sociedade civil” (IANNI, 2004, p.42).

Ocorre que os processos em curso são tão acelerados que exigem reflexão acadêmica e respostas políticas quase que simultâneas. Significa dizer que não basta, hoje, afirmarmos que o Estado dissocia-se da sociedade civil, pois, no mesmo momento dessa constatação já devemos indicar o caráter dessa dissociação para a sustentação de princípios, que eram tidos como fundadores universais da ordem democrática, legitimadores do sistema instituído, de representatividade dos grupos integrantes da sociedade civil, entre tantos outros aspectos. É necessário, por isso redimensionar a extensão e a profundidade das práticas denominadas até aqui de democráticas, de caráter universal.

Os indivíduos devem ser reconhecidos em suas capacidades, em particular os jovens, através dos grupos aos quais se integram. Capacidades históricas e culturalmente formadas, dentre elas as experiências das ONGs. Para ele há uma luta por novos contratos sociais “[...] em torno de problemas ecológicos, relativos a jovens, crianças e mulheres, bem como populações nativas e indígenas, além de genocídio... em âmbito nacional, regional e mundial.” (IANNI, 2004, p.88-89).

E, quanto à questão central da violência, que nos toma a atenção na prática cotidiana e na experiência teórica acadêmica, ele reconhece haver uma dimensão internacional dada pelas migrações, como querem os países hegemônicos, mas também pelos “[...] desempregados, desabrigados, refugiados, perseguidos, desamparados [...] indivíduos, famílias, grupos e coletividades [que] se movem em todas as direções, atravessando territórios e fronteiras, nações e continentes, culturas e tradições [...]” e se constituem na expressão subjetiva da “[...] nova divisão transnacional do trabalho e da produção.” (IANNI, 2004, p.93-94).

Aqui, novamente, não basta a afirmação do caráter universal das relações capitalistas, em âmbito transnacional. Devemos de imediato, nos debruçar sobre essa “nova divisão” do trabalho e da produção. E perguntar quais as implicações perante as formas espontâneas de organização da produção e da vida, do ponto de vista da sociedade civil, “dos de baixo”. Por exemplo, o que significa essa nova divisão internacional transgênica da produção, em países como o Brasil, a China, a Índia e a Rússia, países tomados como referência na constituição de outro vértice potencial de organização das relações comerciais internacionais.

É nesse contexto que o ocidentalismo e o orientalismo deslocam-se de seus lugares clássicos, “[...] assim como o indigenismo e o africanismo, mudam de figura, redefinindo-se em outros termos em diferentes significações.” A exigência metodológica que o autor coloca como horizonte é o clássico apelo acadêmico ao reconhecimento dos distintos

## Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni

olhares na interpretação dos fenômenos históricos. Acrescenta-se o fato da ideologia neoliberal ser incapaz de enfrentar “[...] as configurações e os movimentos da sociedade, da história... Jerusalém, Moscou, Tóquio, Pequim, Londres, Johannesburgo, Cairo, Bagdá, Buenos Aires, México, Nova York e Cabul.” (IANNI, 2004, p.97 e p.113).

O mesmo vale para os fenômenos internos a cada sociedade ocidental: jovens, mulheres, etnias, entre outros. No centro das atenções das Ciências Sociais, ainda se encontram os indivíduos, as pessoas, a identidade, o cidadão, os movimentos sociais, os sindicatos, os partidos políticos, as greves, as revoltas, as práticas de resistência. Mas seus significados contemporâneos estão por ser enunciados. Para Ianni “[...] nesse novo palco da história, está em curso a formação de outro *indivíduo*, que pode ser um novo, diferente e problemático *cidadão*... porque o indivíduo e/ou cidadão nacional, este se encontra em crise, em declínio e corre o risco de desaparecer.” (IANNI, 2004, p.106, p.108 e p.109, grifo do autor).

Sem tocar diretamente nas manifestações culturais contemporâneas de grupos que resistem à globalização, o sociólogo traz uma sólida hipótese para compreensão, por exemplo, do movimento hip-hop:

[...] sem prejuízo das raízes locais, nacionais ou regionais, que certamente continuam vigentes e importantes, ou mesmo decisivas, conforme o problema em causa [...] todo indivíduo está inserido nas configurações e movimentos da sociedade mundial [...] esse o vasto, complexo e fascinante palco da história em que se criam as condições e as possibilidades de formação do *cidadão mundo*. (IANNI, 2004, p.109-110, grifo do autor).

Poderíamos afirmar, com relativa coerência que todo grupo que se envolve em práticas de resistência, seja em que âmbito for, está integrado ao movimento de construção, desse que Ianni (2004) denominou cidadão mundo, de uma cidadania internacional.

Na outra extremidade, movimentam-se as forças políticas que buscam universalizar a lógica dominante, que implicaria na tentativa de superação de “[...] valores e [...] ideais humanísticos de cultura universal e pensamento crítico [...]”, para isso contribuindo a tão oficialmente valorizada instituição de ensino que “[...] não só privada como também pública, passa a ser organizada e administrada segundo a lógica da empresa, corporação ou conglomerado.” Aqui, nos encontramos no território do cotidiano de milhares de jovens brasileiros. (IANNI, 2004, p.112).

E aqui se chega a um dos temas mais inquietantes que o sociólogo enfrentou: a violência como uma das forças produtivas da sociedade neoliberal contemporânea. Resumidamente, trata-se de considerar essa prática sob as formas de

## **Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni**

[...] violência urbana, narcotráfico, seqüestro, tráfico de órgãos, terrorismo niilista e terrorismo nazista, esquadrões da morte e lógica da destruição criativa, desemprego estrutural e lumpenização generalizada, terrorismo de Estado e geopolítica da guerra, racismo e fundamentalismo. (IANNI, 2004, p.143).

Aos jovens antenados, que estão no ar, Ianni deixou uma expectativa: a importância de se pesquisar cada uma das formas de violência, no interior de cada conjuntura política de cada sociedade da América Latina, a violência urbana associada à especulação imobiliária, ao consumismo individual desenfreado, a desregulamentação dos vínculos empregatícios, à incorporação a preço vil do trabalho feminino, do trabalho infantil. A organização da prostituição no interior de múltiplas classes sociais que gerou novas denominações, como as chamadas "garotas de programa" e "garotos de programa". A prática de tráfico de órgãos, denunciada e pouco esclarecida em nosso país; a biopirataria amazônica, que atinge, só ela, oito países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Peru, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa. A constituição dos grupos de extermínio em praticamente todos os países do nosso continente. E a destruição criativa que, no Brasil, aparece sob as populares denominações de "lançamento", "moda", "negócios e oportunidades", "queima de estoque", "liquidação", entre outros. Encerramos com suas palavras:

Nesse sentido é que a violência institucionalizada, traduzida em mecanismos de oferta e demanda no mercado, disciplina rigorosa, praticamente militar, nos locais de trabalho vigilância policial relativa ao trabalhador, negro, nativo, branco, árabe, asiático ou outro, conforme o país – nesse sentido é que a violência revela-se uma poderosa força produtiva... a violência institucionalizada, o Estado como a violência organizada e concentrada da sociedade, revela-se poderosa força produtiva. (IANNI, 2004, p.149).

Pela opção que fizemos de desenvolver um texto numa linguagem coloquial, não caberia expor nosso conhecimento da vasta bibliografia que se encontram nos acervos eletrônicos, que indicam a existência dos trabalhos em inúmeras bibliotecas em todo mundo. Quem os jovens se mobilizem, nesse esforço que, diga-se, já é hábito de muitos deles, estudantes secundaristas e universitários.

### **REFERÊNCIAS**

CACCIA-BAVA, A. Sobre as políticas locais de segurança para os jovens. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v.5, p.59-87, 2006.

**Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni**

\_\_\_\_\_. Direito civil dos jovens e insegurança urbana. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.17, p.41-63, 2004.

GRAMSCI, A. **Scritti Politici**. Roma: Ed. Riuniti, 1971.

GUALTIERI, R. **L'Italia dal 1943 al 1992**. Roma: Carocci Editore, 2006.

HIRSCH, A.; RONALD, A. **Interkultur-Jugendkultur: bildung neu verstehen**. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2010.

IANNI, O. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LING, L. H. M. Borderlands: a postcolonial-feminist alternative to Neoliberal Self/Other Relations. In: BRABANDT, H.; ROSS, B.; ZWINGEL, S. (Ed.). **Mehrheit am Rand?** Geschlechterverhaeltnisse, globale ungleichheit und transnationale Loesingsansaeetze. Wiesbaden: VS Verlag, 2008. p.105-124.

MALVANO, L. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J.C. (Org.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. Tradução de Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Cia das Letras, 1996. v.2, p.259-290.

MICHAUD, E. Soldados de uma ideia: os jovens sob o Terceiro Reich. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. C. (Org.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.291-317.

TRANSDISCIPLINARY FORUM MAGDEBURG [TransForMa], 2, 2004. Magdeburg. Discourses of violence - Violence of discourse. July 2-4. Disponível em: <<http://www.transforma-online.de/>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ASSIS, S. G. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

BATISTA, N. **Punidos e mal pagos: violência, justiça, segurança pública e direitos humanos no Brasil de hoje**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

**Artigo - Juventude sobre pressão: um fórum Alemão e uma obra de Octavio Ianni**

PROGRAMA de las naciones unidas para el desarrollo: dimensiones de la violencia: seminario permanente de discusión sobre violencia. Conferencias. El Salvador: PNUD, 2003.

LEMGRUBER, J.; MUSEMECI, L.; CANO, I. **Quem vigia os vigias?** um estudo sobre controle externo da polícia no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ZIEGLER, J. **Os senhores do crime:** as novas máfias contra a democracia. Rio de Janeiro: Record, 2003.